

# “O texto grego é sempre o ponto de partida e o de chegada”: entrevista com a tradutora e docente Glória Braga Onelley<sup>1</sup>

*Alice Haddad (UFF-Filosofia)*

*Maria Fernanda Gárbero (UFRRJ-Literatura)*

*Greice Ferreira Drumond (UFF-Grego)*

*Renata Cazarini de Freitas (UFF-Latim)*

Resumo: Glória Onelley relata em detalhe o desenvolvimento da docência e pesquisa em literatura grega no Rio de Janeiro desde o final da década de 1970, quando o Brasil retomava a abertura política após a ditadura militar instaurada em 1964. A docente de grego esclarece que as suas duas mais recentes traduções, ambas em edição bilingue autofinanciada, têm como público-alvo alunos e orientandos, com objetivo assumidamente pedagógico. Palavras-chave: Tradução. Literatura antiga. Ensino de grego. História da educação.

**D**ocente, pesquisadora e tradutora, Glória Braga Onelley nasceu em 11 de setembro de 1954 na cidade do Rio de Janeiro, e suas atividades acadêmicas dividem-se, até hoje, entre duas das universidades federais localizadas nesse Estado: a UFF e a UFRJ. Licenciou-se em Português-Grego em 1982 na UFRJ, efetivou-se como docente em 1984, concluiu o mestrado em 1989 e doutorou-se em 1996, sempre na mesma universidade. Por uma questão grave de saúde na família, aposentou-se da UFRJ a pedido, no final de 1997, mas integra, como professora permanente, o Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da UFRJ desde 2016. Na UFF, é professora na graduação desde maio de 2002, após ter participado

---

<sup>1</sup> A entrevista foi realizada em 18 de julho de 2023, em modo remoto. As editoras do dossiê agradecem às discentes Alexia Beatriz de Almeida Porto (UFF-Latim) e Suellen Oliveira Silva (UFF-Latim) por terem realizado a transcrição da longa entrevista de três horas e que, por causa da extensão, precisou ser editada.

novamente de um concurso público. Nesse intervalo da atividade docente, atuou no mercado editorial e manteve-se em contato com a língua grega. Em 1º de setembro de 2023, Glória Braga Onelley fez a defesa do memorial de sua carreira acadêmica, tornando-se professora titular da UFF. Sua produção bibliográfica inclui, além de uma coletânea, capítulos e artigos em periódicos nacionais e internacionais, e quatro livros: *A ideologia aristocrática nos Theognídea* (2009), *Contra Neera* (2011, com reedições em 2012 e 2013) e, em parceria de tradução com a professora Shirley Peçanha (UFRJ), *As Odes Olímpicas de Píndaro* (2016) e *Trabalhos e Dias* (2020).

### **A primeira coisa que talvez você possa nos revelar é como veio parar nesse mundo de helenistas, estudar grego antigo. Você deve ter ingressado na graduação na década de 1970, não?**

Eu entrei, em 1978, no curso de grego por engano (*Risos*). Eu errei o código, quer dizer, essa foi a minha verdadeira *moira* acadêmica. Eu errei o código no vestibular da Fundação Cesgranrio: em vez de inserir o código 37, referente à habilitação Português-Francês, incluí o código 38, Português-Grego. De início, realmente, eu não me encontrei na lista de aprovados. Hoje em dia, é muito fácil de o candidato se encontrar, saber se passou ou não no vestibular. Não naquela época. A gente sabia o resultado do vestibular pelo jornal. Eu comecei a procurar o número da minha inscrição em todas as listagens em Português-Francês e não o encontrava. Eu tinha, de fato, indicado duas universidades, a UFRJ e a UERJ. Eu não me encontrava nem em uma e nem em outra em Português-Francês. Falei: *Meu Deus! Então, o que aconteceu com a minha inscrição?! Logo abaixo de onde estava escrito “Português-Francês” estava a indicação “Português-Grego”, e um primo encontrou o número da minha inscrição justamente ali. De início, fiquei bastante aborrecida, porque eu nunca tinha estudado grego, nem estudei latim em minha formação. Eu fazia a escola Normal e a*

escola técnica ao mesmo tempo, mas chegou o momento em que eu tive de optar só pela escola Normal por conta dos estágios. De início, eu pensei em mudar de habilitação, mas essa ideia logo desapareceu porque eu gostei de estudar grego, com todos os obstáculos que a língua oferece para aqueles que, pela primeira vez, com ela têm contato. E essa minha permanência no curso eu devo à minha primeira professora de grego, Cenir de Meira Arruda, que era uma jornalista também. E, especialmente, à titular de grego, a professora Guida Nedda Barata Parreiras Horta, que nos deixou muito precocemente, em 1994, uma morte que me tocou muito.<sup>2</sup> Foi ela quem me fez sonhar e pensar em ser professora de grego, e lembro do estímulo dado a todo mundo que tinha seriedade no trabalho e gostava de estudar. Era exatamente o meu caso, como o é até hoje. A gente estuda desde que acorda à hora que vai dormir.

Eu trabalhei, antes de fazer o concurso para a UFRJ, por uma verba que a professora Guida chamava “a famigerada verba 3.1.3.1”. É que a gente só recebia uma vez no ano! Eram longas caminhadas até a Reitoria para que a gente pudesse receber o salário. Trabalhei por essa verba de agosto de 1982 até dezembro de 1983, quando eu tive a oportunidade de fazer o concurso de provas e títulos para professora auxiliar de Língua e Literatura Grega em regime de 20 horas. De início, esse regime me facilitou bastante, porque eu já atuava como professora do Ensino Fundamental em escolas da rede municipal, mas, depois, sentindo necessidade de me aperfeiçoar, de me dedicar mais, pedi exoneração do município e do Estado também. Pedi exoneração, fiquei somente na universidade e solicitei mudança de regime de 20 para 40 horas com dedicação exclusiva. E foi isso o que aconteceu.

---

2 Guida Nedda Barata Parreiras Horta é autora do livro *Os gregos e seu idioma* (Livraria Acadêmica, 1970).

## **Fez bacharelado e licenciatura?**

Eu entrei no curso de Licenciatura em Português-Grego em março de 1978. Concluí o Bacharelado em 1981, mas só pude concluir a licenciatura em 1982, porque eu já atuava na rede municipal de ensino e, no último ano da faculdade, o horário, sendo integral, não era compatível com meu horário de trabalho. Eu tive de pedir manutenção de vínculo após o término do bacharelado e concluí a licenciatura em 1982. Ao término da graduação, embora me sentisse ainda imatura e não tivesse pensado em seguir nenhuma linha de pesquisa, eu tinha certeza de que queria dar continuidade aos estudos de Língua e Literatura Grega. Percebi essa necessidade quando comecei a dar aulas por aquela verba 3.1.3.1. Rescindido o contrato, fizemos – eu acho que nós éramos oito candidatas – a prova para fazer parte do quadro permanente da UFRJ em dezembro de 1983.

## **Esse trabalho que você fez de agosto de 1982 a dezembro de 1983 era como professor substituto? Era o quê?**

Eles chamavam de professor colaborador. Eu só atuava em turmas de Língua Grega, de cujos códigos eu me lembro até hoje! LEC111 e LEC115: Grego Genérico I e Grego Genérico II. Ainda são esses os códigos dessas disciplinas na UFRJ. Às vezes, respondemos aqui na UFF a pedidos de transferência, aí aparecem esses códigos. Mas eu percebi essa necessidade de continuar os meus estudos em Língua e Literatura Grega, principalmente, quando comecei a dar aulas. No momento em que a gente atua em sala de aula, há essa troca de saberes e percebe-se essa necessidade e vontade de aprimorar os conhecimentos. Fui nomeada como professora auxiliar 20 horas de Língua e Literatura Grega em 20 de janeiro de 1984. Eu até considero uma data meio estranha, porque é um feriado na cidade do Rio

de Janeiro, mas a data é essa mesma, e comecei em sala de aula em março de 1984. Foi quando eu, oficialmente, passei a ser professora do quadro permanente do Departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Letras da UFRJ. Então, todo o ano de 1984 foi de adaptação, e a professora Guida sempre me estimulava a ingressar logo na pós-graduação. Desse modo, o ano de 1985 foi dedicado a meu futuro ingresso no mestrado.

**Você tem uma impressão dessa época, do seu ingresso como efetiva, se o cenário era masculino ou era equilibrado entre homens e mulheres?**

No nosso departamento, havia mais mulheres do que homens. Em Língua e Literatura Grega, só os professores Hime Gonçalves Muniz e Manuel Avezeza de Souza. Eram dois. Nós, o restante, mulheres. Acho que ali quem, na verdade, dava todas as ordens era a professora Guida, que tinha a fama de ser bastante rigorosa, mas que não era nada disso. Ela era muito exigente, mas nunca deixava de valorizar o trabalho, o esforço, o estudo.

**Uma pergunta também de contexto: 1984 e 1985 são anos referenciais para nossa história. Como era a movimentação no curso de Letras quando você entrou? Tem a campanha das *Diretas já*. Como isso repercutiu? Qual era a atuação dos professores?**

Eu não me lembro de haver alguma coisa assim muito importante. Penso que os alunos não eram tão politizados como os de hoje em dia. Havia alguns, inclusive, um colega meu, Ricardo de Abreu, sobrinho de um político se eu não me engano, muito atuante e presente nos movimentos estudantis, mas os demais alunos, não. Eu lecionei em muitas turmas de Português-Inglês, foram poucas as turmas de Grego específico. Logo que eu comecei, em 1982 e 1983, mesmo como professora colaboradora, eu não

me lembro de haver tanta atuação política dos alunos que estavam em sala de aula comigo. Havia, sim, a participação de alunos do centro acadêmico. Penso que os alunos não eram tão politizados como os da geração seguinte.

### **Você falou que dava aula para Português-Inglês de língua grega?**

Eu dava aula para todos os cursos da Faculdade de Letras. Todos os alunos eram obrigados a fazer o Grego Genérico I e o Grego Genérico II, com exceção dos alunos do curso de Japonês. O dia de prova de Grego Genérico acontecia para toda a faculdade, e havia sempre os professores responsáveis pela elaboração das provas, que passavam, lógico, pelo crivo da Guida e dos professores mais antigos. Era ela quem dava o aval para liberação das provas, ou seja, se as provas podiam ser mimeografadas (*Risos*).

### **Então, quantas pessoas mais ou menos faziam a prova de uma vez?**

Ah! Eram muitas. Era a faculdade toda, com exceção dos alunos de Português-Japonês. Havia um pouco de temor dos alunos. De início, então, era uma prova única para a faculdade, ou melhor, mais de uma aliás, eram vários modelos que tínhamos de elaborar. Depois, a situação foi se modificando: cada professor passava a elaborar as suas próprias provas, mas o conteúdo devia ser o mesmo para todas as turmas de grego genérico.

Voltando, em 1984, eu comecei como professora de Língua e de Literatura Grega, atuando mais na parte de língua do que na de literatura. Ministrava aulas para todos os níveis do curso de grego e, logo que tomei posse, fui professora de Língua Grega VI, o antepenúltimo período da graduação. Também atuava como professora de Literatura, porque todos os alunos eram obrigados a ler, em português, a *Ilíada* e a *Odisseia*. Não cantos isolados. A *Ilíada* e *Odisseia* na íntegra, no Grego Genérico II. No início do

período, a gente já dizia o que os alunos tinham de ler, porque essa seria a última prova – não, a última prova era a de formação de palavras, que era muito legal e interessante.

Falando um pouco de minha trajetória, em 1985, comecei a estudar para ingressar no curso de mestrado no programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da UFRJ. Eu tive de estudar o ano todo, porque eram três provas: a de língua estrangeira, como acontece ainda hoje, a prova de língua e de literatura grega, e, também, uma outra prova que, ou era de linguística – e o candidato podia escolher – ou de teoria da literatura. Eram, então, três provas para o ingresso no mestrado. Escolhi linguística. Eu cursei as disciplinas do mestrado entre 1985 e 1986. Não havia a disciplina que os alunos fazem para iniciar a pesquisa, Iniciação à Pesquisa, não havia isso. Também não havia, na graduação, iniciação científica nem monitoria. Não havia nada disso, o que era bastante complicado para quem queria dar continuidade aos estudos de Língua e Literatura Grega.

### **O mestrado era em quê? Letras Clássicas? Grego?**

Em Língua e Literatura Grega. Na UFRJ, eram duas linhas: Língua e Literatura Grega, Língua e Literatura Latina. Hoje, há uma terceira linha, que é um pouquinho, vamos dizer assim, diferente.<sup>3</sup>

Voltando a 1986, eu destaco três disciplinas cursadas no mestrado. A de língua grega, quando eu pude, com a professora Guida, aperfeiçoar os meus estudos linguísticos porque, na graduação, se aprende, mas não se aprende tudo, não é?! A de linguística também, de análise do discurso, julguei importante para minha formação, e, sobretudo, uma que havia na época, estudos de problemas brasileiros, uma disciplina obrigatória que foi ministrada por um professor de linguística da UFRJ, Sebastião Josué

---

3 A terceira linha do PPGLC da UFRJ é de estudos interdisciplinares da Antiguidade Clássica.

Votre, que, depois, foi professor de língua portuguesa da UFF. Com essa disciplina, ele me fez pensar nos problemas enfrentados pela mulher brasileira e, por extensão, me fez olhar para a Antiguidade e pensar em estudar os problemas que as mulheres gregas enfrentavam em seu dia a dia, ou melhor, em estudar sua condição social.

A ideia de fazer um mestrado sobre as várias condições da mulher na cidade de Atenas veio exatamente desse curso com o professor Votre, em que eu pude ler algumas obras sobre o feminismo e pensar realmente como seriam as condições e o estatuto social da mulher na cidade de Atenas. Também li um livro em francês, que penso ter sido bastante importante para a elaboração da minha pesquisa, em que a autora falava sobre o baixo mundo da Antiguidade.<sup>4</sup> Ela começava o estudo com um excerto da obra que é atribuída a Demóstenes, mas que a maior parte da crítica julga não ser dele, a peça acusatória *Contra Neera*, que trata da vida íntima de uma *hetaira*. Aí, eu fiquei interessada e comecei a pesquisar e encontrei o texto em grego. A professora Guida me emprestou o livro, porque ela tinha tudo, sua biblioteca era muito rica, mas ela não gostava de emprestar os livros. Eu ia à casa dela, e ela dizia: *Eu não posso emprestar!* E eu falava: *Pode deixar que eu não vou estragar o seu livro!* Ela me emprestou a edição de Demóstenes da Belles Lettres, e tirei cópia, porque eu não tinha como fazer de outro modo, quer dizer, a gente comprava muitas vezes as obras numa livraria na Rua Miguel Couto ou, na Avenida Rio Branco, na Leonardo da Vinci, que acabou, não é?! Mas as obras importadas, mesmo que você tivesse dinheiro para comprá-las, demoravam muito para chegar. Às vezes, um ano depois de o seu pedido ter sido feito. Era tudo muito difícil, muito complicado.

Eu tomei por base o discurso *Contra Neera* para estudar as várias condições da mulher, em especial a da cortesã, na cidade de Atenas.

---

4 *Les bas-fonds de l'Antiquité*, de autoria de Catherine Salles (R. Laffont, 1982).

Defendi a dissertação em 1989 e, porque a professora Guida realmente estimulava o professor ao estudo e achava que era melhor fazer logo a prova para ingressar no doutorado, o ano de 1990 foi todo dedicado nesse sentido. Estudei durante todo o ano, porque havia, além da prova de língua estrangeira, uma prova de tradução com comentários literários. Eram dois textos, um de Xenofonte, as *Helênicas*, e um diálogo de Platão, o *Eutífron*. Este eu o traduzi na íntegra.

Eu estudei para entrar no doutorado sem saber também o que fazer, porque eu queria ter dado continuidade aos estudos sobre o Direito ático e traduzi um discurso de Demóstenes que tratava, indiretamente, da sucessão familiar, da sua herança, que foi dilapidada por um de seus principais tutores, Áfobo. De fato, são três discursos contra esse tutor – *Contra Áfobo I*, *Contra Áfobo II*, *Contra Áfobo III* – que tratam, especialmente os dois primeiros, da questão da tutela e da má gestão da herança do orador Demóstenes. Traduzi o discurso *Contra Áfobo III* na íntegra, e eu pretendia dar seguimento, no doutorado, a essa linha de pesquisa. Minha orientadora era, além de professora de grego, advogada, a Maria Adília Pestana de Aguiar Starling, e, nessa época, ela já estava com a saúde debilitada e a de seu marido também inspirava cuidados. Nessa época, a professora Guida já estava bastante doente, embora continuasse a dar aulas na pós-graduação. Eu não tinha ninguém para me orientar nesse tipo de trabalho, quer dizer, um professor que soubesse grego e que fosse versado nos estudos sobre os discursos forenses, sobre o Direito ático.

### **E era uma equipe ainda pequena, então, no programa de pós-graduação?**

Era uma equipe pequena. Eram três professoras que atuavam na Pós,<sup>5</sup> mas, na verdade, apenas duas orientavam, a Guida e a Maria Adília, que

---

5 A terceira era a professora Suzanna Teixeira Mendes de Mello.

estavam doentes. Então, eu tive a necessidade de mudar de linha depois de ter traduzido na íntegra o discurso de Demóstenes. Isso ocorreu na época, em torno de 1990, em que os professores de grego, Nely Pessanha, Hime e Aveleza, estavam defendendo suas teses e ainda não estavam credenciados na Pós, e, portanto, não podiam orientar-me no doutorado. Essa era uma questão. E, mesmo sendo credenciado na Pós, o professor tinha de orientar primeiro alunos do mestrado e, só depois, ele podia orientar os de doutorado.

Eu tive de mudar de linha e pensei: *o que eu vou estudar já que não posso dar continuidade aos estudos de retórica?* Então, dos cursos que fiz no doutorado, eu me interessei por um que foi oferecido por Nely Maria Pessanha, que foi minha orientadora do doutorado aqui no Brasil a partir de 1993.<sup>6</sup> Ela tinha ministrado, em 1991, um curso sobre a poesia grega do período arcaico. Nós éramos três alunos, três doutorandos, eu, Mirian e Jessé, este último já falecido. Esse curso da professora Nely foi decisivo para mim, já que resolvi estudar e traduzir o maior *corpus* elegíaco do período arcaico, o *Corpus Theognideum*, com cerca de 1400 versos, dos quais só tínhamos em língua portuguesa cerca de 150 versos traduzidos.

Era bastante complicado fazer uma tese aqui no Brasil, porque não tínhamos material de apoio. Difícil e escasso era o acesso aos livros e aos periódicos no âmbito das Letras Clássicas. Eu parecia um verdadeiro “rato de biblioteca”, porque eu ia às bibliotecas e não encontrava absolutamente nada sobre esse autor. E com o tempo passando, fui ficando cada vez mais apreensiva. Eu traduzia só aos sábados e aos domingos, porque eu trabalhava bastante e atuava também como professora do Ensino Médio. Eu tinha 20 horas ainda, só consegui 40 horas depois.

Comecei a perceber, com a tradução, que havia temas que se repetiam ao longo de todo o *corpus*. E pensei: *Bem, tenho de estudar o que*

---

6 A professora Maria Helena da Rocha Pereira foi a orientadora na Universidade de Coimbra entre outubro de 1994 e abril de 1995.

é a *tônica aqui*. O que predomina aqui? Três temas: a política, a questão da amizade e a questão do amor. Então, resolvi limitar o objeto de estudo, embora no *corpus* a temática seja variada. Fui anotando num caderno que versos tinham a mesma tônica para eu poder fazer depois um estudo mais acurado, dialogando com o próprio texto.

### **Você fez a primeira tradução para o português, no Brasil, desse *corpus*? Quem é esse poeta?**

Teógnis é um poeta do período arcaico a quem é imputada uma coletânea de elegias, cuja autenticidade é contestada pela grande maioria da crítica porque nela se confundem textos de outros autores. São muitos os dados controvertidos sobre Teógnis, inclusive de onde ele procede, se de Mégara da Grécia, se de Mégara da Sicília. São muitas polêmicas e questionamentos a respeito desse autor, inclusive sobre a época em que teria vivido. Eu tomei uma posição: acredito que seja um poeta do século VI a.C. Desse *corpus*, só haviam sido traduzidos para o vernáculo cerca de 150 versos, e, por isso, a professora Nely sugeriu que eu fizesse a tradução dessa coletânea de elegias na íntegra.

E como eu ia estudar? Eu precisava de referencial teórico. Então, resolvi tentar uma bolsa pela Capes, o que era uma outra “odisseia”, por conta de toda a documentação exigida, como ainda acontece. Passei na primeira fase da seleção, eram cerca de 450 pessoas concorrendo a 150 bolsas. Depois, a segunda fase aconteceu na UERJ, em maio de 1994, quando fui submetida a um questionário “homérico” sobre o trabalho que eu pretendia desenvolver no exterior. Fui sabatinada por dois consultores da Capes, um de São Paulo e outro do Rio Grande do Sul. Em agosto, recebi uma carta da Capes com a informação de que eu tinha obtido a bolsa e, em outubro, fui para Coimbra, onde, no Instituto de Estudos Clássicos, não só recebi a valiosa orientação da doutora Maria Helena da Rocha Pereira como

também tive acesso a um acervo atualizado tanto de periódicos quanto de outras fontes teórico-críticas que me ajudaram a elucidar aspectos controvertidos da produção poética imputada a Teógnis de Mégara.

Quando eu cheguei a Coimbra, em outubro de 1994, entrei um pouco em desespero. Primeiro, estava só com a roupa do corpo, porque a minha mala de roupas tinha sido extraviada para Luanda. Depois, o Instituto de Letras da Universidade de Coimbra estava em obras e em período de férias, com todo o acervo espalhado pelo chão. Fiquei um pouco angustiada com isso, mas nessa ocasião eu tive uma grande ajuda de meu marido. Carlos me ajudou bastante nessa empreitada porque ele foi organizando o acervo de acordo com os periódicos. A partir dali, com base nos sumários, fui fazendo o levantamento daquilo que eu podia ler. Para minha surpresa e felicidade, encontrei logo um texto de Verdenius<sup>7</sup>, um classicista holandês, que falava exatamente dessa relação, por associação de ideias, das elegias do *Corpus Teognidieum*.

**Temos curiosidade de saber sobre o quanto a professora Maria Helena da Rocha Pereira e outros ali, de Coimbra, podem ter influenciado na sua postura com relação à tradução, porque ela foi uma grande tradutora, publicou muitas traduções.**

Com a doutora Maria Helena da Rocha Pereira, eu tive cinco encontros. Quando eu cheguei ao Instituto de Letras, ela não se encontrava em Coimbra, estava na Finlândia. Só tive contato com a doutora um mês depois. Eram longas tardes até à noite no gabinete da professora. Quando eu cheguei a Coimbra, eu já estava com todo o *corpus* traduzido. Assim que ela retomou suas atividades, entreguei tudo aquilo que eu já tinha feito aqui no Brasil, e ela ficou durante um tempo com o trabalho. Até que ela marcou,

---

7 Willem Jacob Verdenius é autor de « L'association des idées comme principe de composition dans Homère, Hésiode, Théognis » (1960).

como eu disse, cinco encontros, cinco dias de orientação, e ela sugeriu que eu colocasse a tradução em anexo. Eu não gostei muito dessa ideia, mas segui essa orientação, embora a tradução tenha sido a base das minhas análises. E, pelo fato de eu tê-la apresentado em anexo, fui criticada por um dos integrantes da banca de doutorado, porque, de fato, para analisar esses três temas em todo o *corpus*, levei em conta a minha própria tradução.

Na verdade, o texto grego, para mim, é sempre o ponto de partida e o ponto de chegada das minhas investigações. Sempre. A tradução não é só um processo linguístico, não é?! É um processo linguístico, mas é também um processo cultural, mas o ponto de partida e o ponto de chegada são sempre linguísticos. Para mim, a língua é essencial. Maria Helena da Rocha Pereira gostou muito da minha tradução. Às vezes, ela me sugeria modificar um pouco a estrutura sintática, por exemplo, o que seria o sujeito em grego passaria a ter uma outra função na tradução. Eu dizia que preferia manter a ordem do grego o mais possível, objetivando sempre clareza e correção na língua de chegada. Quero dizer, não é uma tradução fiel e literal, porque isso não existe, não se trata de simples transposição de uma língua para outra, mas eu lhe dizia que desejava manter a ordem sintática para que eu não fosse criticada aqui no Brasil, correndo o risco de... *Ah! Você não sabe traduzir!* Naquela época, levava-se muito em conta a questão da “fidelidade” ao texto, o que não se considera, hoje em dia, porque, não havendo correspondência exata entre as línguas, realmente são necessárias inversões para que se consiga fazer uma relação entre o texto de partida e o texto de chegada.

A doutora Maria Helena respeitava os meus critérios. Eu penso que não tive problemas com relação à tradução, de modo algum. Tenho até hoje os manuscritos da professora, porque eu era obrigada a, mensalmente, enviar para a Capes o relatório dela. Eu tenho até hoje esses relatórios, eu guardo com bastante carinho esses manuscritos em que ela tece muitos elogios com relação à minha tradução e ao trabalho que desenvolvi em

Coimbra. Carlos dizia que eu era a dona do Instituto de Letras, porque eu era a primeira a entrar e a última a sair.

**A tradução tem ainda hoje uma centralidade nos projetos de mestrado e doutorado na área de Letras Clássicas aqui no Brasil, pelo menos para um número de universidades. Aparentemente ela não tem essa mesma centralidade no mundo dos pesquisadores de clássicos em Portugal, que parecem utilizar a tradução justamente como um suporte para a investigação, não é?**

Os estudos clássicos aqui no Brasil, eu acredito, sempre estiveram ligados à tradução. Em minha atuação como professora de língua e de literatura grega, eu sempre me deparo com tradução. Sempre me deparo com essa necessidade de traduzir textos em grego. Trabalhar com tradução é uma tarefa que está, de fato, relacionada com as minhas atividades acadêmicas. Até mesmo nas minhas orientações de agora, a nossa análise parte do que o texto nos diz. Nesse sentido, então, traduzir, para mim, é uma tarefa que está relacionada com a minha vida acadêmica. Eu não me sinto especialista em teoria de tradução, não sou especialista, mas a minha formação, como eu disse, teve como tônica a tradução de textos. Na UFRJ, não se partia, como a gente faz aqui na UFF, por exemplo, do texto para sistematizar a morfologia e a sintaxe. Aqui é diferente.

**Você está falando dos métodos adotados no ensino de língua?**

Com relação a métodos, eu gosto bastante desse que utilizamos aqui na UFF, o *Aprendendo Grego*, porque, apesar de algumas restrições, ele articula língua, cultura e literatura.

## **Você é professora de língua desde que começou. Sua preocupação hoje, na sala de aula, continua sendo habilitar as pessoas a traduzir? Não só a ler, mas também a traduzir?**

Eu sempre procuro capacitar o aluno a ler, interpretar e traduzir os textos. Então, antes mesmo de traduzir, de começar a tradução, eu contextualizo. Eu considero isso importante também para o processo tradutório: saber o contexto ao qual o texto se refere. Traduzir, para mim, não é só conhecer as estruturas morfológicas, sintáticas. Não é conhecer só a língua. Para mim, é também uma questão cultural. Isso é particularmente importante no que diz respeito aos textos que eu já traduzi. Eu precisei ter conhecimento do contexto jurídico, por exemplo, para traduzir os discursos forenses e não incorrer em anacronismos e apagar os dados culturais. Quando eu traduzi *Trabalhos e Dias*, na parte relacionada com os trabalhos agrícolas e os marítimos, nem sempre o dicionário dava conta do melhor sentido. Era difícil traduzir alguns termos técnicos utilizados pelo poeta uma única vez. Os arcaísmos, então... Eu fiz uso do léxico de Marcel Hofinger,<sup>8</sup> em que ele apresenta um estudo vocabular de toda a obra hesiódica.

## **E como você trabalha essa questão da tradução com o pessoal que está chegando e que tem uma formação que causa preocupações?**

Respondendo diretamente à pergunta, está sendo bastante complicado. Os alunos estão com muitas dificuldades. Não sabem a norma do português, não é?! E, sendo a língua grega uma língua sintética, diferente da língua portuguesa, uma língua analítica, fica bastante complicado mostrar, por exemplo, as funções sintáticas que os nomes, de acordo com

---

8 Marcel Hofinger é o autor de *Lexicon Hesiodicum cum indice inverso* (Brill Archive, 1975).

os vários casos da declinação, podem exercer em uma oração. Então, isso, eu tenho procurado de alguma forma sanar. Eu dou aula de grego e dou aula de português, muitas vezes para tentar mostrar essa relação isomórfica entre a língua de partida e a língua de chegada. Temos de nos adaptar e nos ajustar aos novos tempos. De acordo com o público que recebemos, recorremos a uma outra forma de mostrar o processo tradutório.

### **Falando ainda de tradução, você consegue percorrer territórios densos e diversos, prosa e poesia. Se você pudesse, em poucas palavras, definir as especificidades, o que você busca ao apresentar essas traduções para o público?**

Todas as minhas atividades de tradução, todas elas, estão sempre relacionadas com as minhas pesquisas. No caso da investigação sobre Píndaro, foi uma pesquisa interinstitucional, UFRJ e UFF, Shirley<sup>9</sup> e eu. Ela já tinha traduzido três odes *Olímpicas* em seu doutorado, e eu sugeri que fizéssemos a tradução das quatorze, e a primeira coisa em que pensamos foi no nosso público-alvo. Então, pensamos: a quem se destinaria essa tradução? Pensamos nos nossos alunos. Acredito que nossa tradução tenha um cunho bastante didático, porque tivemos a preocupação de colocar o texto grego e a tradução, o que possibilita aos alunos fazer a correspondência do grego com o português e enriquecer a compreensão do texto. Foi este o nosso objetivo: tornar a pesquisa acessível aos alunos de Letras e de áreas afins.

### **A tradução muito rica em notas atende a esse propósito?**

Fizemos notas explicativas para facilitar a leitura e a compreensão

---

9 Shirley Fátima Gomes de Almeida Peçanha é professora de Língua e Literatura Grega da UFRJ.

dos epinícios de Píndaro. As odes apresentam uma infinidade de referências históricas, geográficas, literárias e, sobretudo, míticas. Em vários momentos da nossa atividade tradutória, tivemos a necessidade de fazer pesquisas dessa natureza. É por isso que reitero a preocupação de não se desprezar o contexto em que a obra foi produzida e considerar, numa tradução, apenas os aspectos estruturais, lexicais, em virtude de esses aspectos sozinhos serem insuficientes para a compreensão integral das odes, que contêm, diluídos em seus versos, elementos culturais e poéticos.

Por isso, foi importante fazer notas explicativas, e fizemos a mesma coisa com *Trabalhos e Dias*. Não conhecemos estudos sobre a parte referente aos *Dias*. O que se privilegia, de modo geral, é a parte dos mitos, mas se deixa de lado a parte final do poema, consagrada aos dias bons e aos ruins para determinadas atividades, que estão estritamente relacionadas com a parte inicial do poema. São distintos os critérios para a contagem dos dias, e nós tivemos de aprendê-los, daí a necessidade das notas. Partindo do texto, verificamos que as atividades agrícolas e as marítimas estavam distribuídas entre as estações do ano e descobrimos, depois de termos lido alguns artigos, que só havia três estações, sendo o outono um prolongamento do verão. Não são quatro estações como as nossas, e foi preciso colocar uma nota explicativa a esse respeito.

Nas *Odes Olímpicas de Píndaro* é a mesma coisa, quer dizer, a relação que se estabelece com o atleta homenageado é uma relação de passado que se presentifica para celebrar o atleta vencedor. É uma relação entre presente e passado. Sendo assim, não basta conhecermos somente as estruturas morfológicas e sintáticas para compreendermos, de forma abrangente, o poema. Precisamos conhecer esses aspectos históricos e, sobretudo, míticos subjacentes aos versos, não só ao verso hesiódico mas também ao pindárico. No que diz respeito aos mitos, nas *Odes Olímpicas*, às vezes aparecem eles na íntegra, às vezes só aludidos e modificados. Então, líamos muito, mas muito mesmo, sobre mitologia para poder entender que relação

havia entre o mito e o atleta homenageado. Por isso, a necessidade de muitas notas explicativas.

Outra questão se relaciona com a nossa proposta de tradução: não levamos em conta a métrica. Não usamos esse recurso, embora alguns tradutores o apliquem. Consideramos difícil transpor a diversidade métrica presente nas odes pindáricas para um tipo de verso em vernáculo que possa corresponder ao ritmo do verso grego. Então, não usamos esquema métrico algum, só mantivemos a disposição do verso grego. No caso das *Odes Olímpicas*, conservamos apenas a disposição triádica: estrofe, antístrofe e epodo.<sup>10</sup>

**Suas duas primeiras traduções publicadas em livro, *A ideologia aristocrática nos Theognidea* (2009) e *Contra Neera* (2011, 2012 e 2013), são autorais, suas pesquisas. As duas publicações posteriores, *Odes olímpicas de Píndaro* (2016) e *Trabalhos e dias* (2020), são traduções feitas com sua amiga dileta, sua comadre, uma relação que vem desde a graduação. Como funcionou essa parceria na tradução? As odes, por exemplo, uma traduziu umas e a outra, outras?**

A pesquisa sobre Píndaro foi um projeto que desenvolvemos durante três anos, em que semanalmente traduzíamos, linha a linha, cada passinho das odes. Na verdade, duas odes foram traduzidas por mim na íntegra, a nove e a treze. Shirley já tinha traduzido, na tese de doutorado, as *Olímpicas* I, II e III, mas as reformulamos totalmente. Realizamos em conjunto, como eu disse, a tradução verso a verso, linha a linha, de cada uma das odes e marcamos as passagens mais complexas e dignas de notas. Ao mesmo tempo em que fazíamos a tradução das *Olímpicas*, nós reelaborávamos *Trabalhos e Dias*, porque Shirley tinha feito essa tradução na dissertação

---

10 Uma tradução metrificada das *Odes Olímpicas* de Píndaro foi realizada pelo professor Robert de Brose (UFC) e publicada em 2023 pela Editora Mnema.

de metrado. Nós refizemos a tradução linha a linha também, de seus 828 versos.

**Essas duas traduções, como projetos interinstitucionais e em dupla, estão editadas pela 7Letras. Essa edição, foram vocês que bancaram? A editora pediu?**

Nós custeamos essas duas publicações. Já trabalhávamos com a 7Letras com a revista *Calíope*, então, sabíamos que essa editora tinha condições de lidar com o texto grego. Bancamos os projetos, porque seria mais um material de apoio para nossas aulas, porque, tanto na UFF quanto na UFRJ, nas aulas de literatura, se traduz e se trabalha com a poesia grega do período arcaico, trabalha-se com Teógnis, com Hesíodo, com Píndaro. Pensávamos sempre nas aulas.

**Vocês tentaram propor para algumas editoras a publicação?**

Não tentamos. Entramos em contato com a 7Letras, e os editores resolveram aceitar o nosso desafio. Publicamos no final de 2016 as *Olimpicas*, cujo lançamento ocorreu na Livraria Blooks na praia de Botafogo, e Hesíodo foi lançado virtualmente, por conta da pandemia, numa jornada da pós-graduação da UFRJ.

**Organizando o “Mulheres que traduzem clássicos”, que é um debate justamente sobre o espaço das tradutoras no mercado editorial, às vezes tem-se a impressão de que ainda se patina um pouco. Não que mulheres não publiquem traduções, mas parece que a gente não consegue o espaço dos homens, parece que eles recebem propostas, entende?**

Eu acredito que eles tenham as mesmas dificuldades que temos de

conseguir, de alguma forma, espaço e financiamento para publicar um livro. Eu considero que é difícil não só porque somos mulheres. Para eles, penso que seja complicado também. Mas, hoje em dia, eu acho muito mais fácil do que era antigamente, não é? Hoje em dia, há oportunidades de financiamento, patrocínio pela Faperj, por exemplo. Uma coisa é receber uma proposta para publicar um livro, ser convidada, outra coisa é custear a publicação, embora se tenha possibilidades de ter uma publicação, por exemplo, pela UFF e pela UFRJ, pelas editoras dessas universidades. Há oportunidades: basta apresentar o projeto no momento em que as instituições lançam seus editais. É uma coisa que não é tão amplamente divulgada, mas se tem essa oportunidade. Não acho que seja mais fácil para os homens e mais complexo para as mulheres. Não penso dessa forma.

### **Uma provocação: por que a gente tem visto no Brasil homens publicando traduções de Homero com uma certa frequência e não temos nenhuma mulher com um projeto de tradução dos poemas homéricos?**

Eu penso que é falta de oportunidade de as mulheres apresentarem as suas propostas. No caso de Hesíodo, temos quatro publicações feitas por homens. Nós temos a versão portuguesa do José Ribeiro Ferreira, lançada em 2005, a tradução parcial da obra, com 382 versos, elaborada pela Mary Lafer, pela Iluminuras (1989), e mais traduções de três homens, Luiz Otávio Mantovaneli, que publicou pela Odysseus (2011), Alessandro Rolim de Moura, pela Segesta (2012), e Christian Werner, pela Hedra (2013). Há mais homens do que mulheres, nem por conta disso deixamos de apresentar a nossa proposta. Cada um tem a sua proposta de tradução. O que interessa é não haver erros, as propostas podem ser várias. Acho que é por falta de oportunidade no caso dos poemas homéricos. Há a tradução da *Iliada*, de Leonardo Antunes, há a tradução de Frederico Lourenço,

quer dizer, são muitas as traduções, todas elas, de homens.<sup>11</sup> Não conheço, de fato, nenhuma mulher que se tenha aventurado na tradução desses poemas.<sup>12</sup> Logo no início da minha carreira, eu traduzi os dois primeiros cantos da *Iliada*, mas não os publiquei. Eu uso esse material nas minhas aulas sobre os dialetos.

**Você se percebe, como tradutora mulher, tendo, vamos dizer, um certo olhar para determinados termos que numa tradução outra, de homens, aqueles termos não teriam? Por exemplo, a tradução que a Emily Wilson fez da *Odisseia* traz questões muito interessantes. Você percebe isso ou não há essa preocupação?**

Não foi uma preocupação nossa, eu acho que não foi. Nunca pensamos em utilizar determinados termos mais voltados para o feminino.

**Você participou da primeira equipe do *Dicionário Grego-Português*, não foi?**

Eu fui convidada inicialmente a revisar o primeiro fascículo que compreende as letras alfa, beta, gama e delta. As organizadoras são três professoras, Daisi Malhadas, Maria Celeste Consolin Dezotti e Maria Helena de Moura Neves (que faleceu em 2022). Era um trabalho que eu fazia quando tinha tempo. Eu soube do projeto quando eu já estava aqui na UFF<sup>13</sup>, e aí a professora Dezotti me convidou pelo fato de saber que eu já tinha participado como revisora do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* e trabalhado também na equipe lexicográfica de outros dicionários, do

---

11 No Brasil, há também as traduções de Trajano Vieira, Haroldo de Campos, Carlos Alberto Nunes, Odorico Mendes.

12 No primeiro artigo do dossiê, Adriane da Silva Duarte registra a coautoria de Neyde Ramos de Assis com Giulio Davide Leoni numa tradução da *Odisseia* (Atena, 1960).

13 Glória Braga Onelley passou a atuar na UFF em 2002. O *Dicionário Grego-Português* teve sua primeira edição em 2006 em cinco volumes (Ateliê Editorial) e foi relançado em setembro de 2022 em volume único (Ateliê Editorial/Editora Mnema).

Bechara e do Caldas Aulete. A professora depois me convidou a elaborar os verbetes da letra *ípsilon*. Foi um trabalho muito interessante. Eu gosto muito de trabalhar com dicionário, mas não gosto de consultar dicionários (*risos*). Até mesmo quando vou traduzir, não vou direto para o dicionário. Faço primeiro toda a leitura do texto, depois analiso tudo, dividindo-o em orações. Da mesma forma que ensino, eu faço. Só depois, é que consulto o dicionário. Eu fiz a redação desses verbetes tomando por base os dicionários do Bailly e do Magnien<sup>14</sup>. Eu recebi ajuda, nessa tarefa, do professor André Alonso<sup>15</sup>. Por isso, ele recebeu, na introdução do último fascículo do dicionário, um agradecimento por todo o apoio que ele me deu, naquele momento, para que eu pudesse entregar o trabalho no prazo determinado. Para mim, foi um grande aprendizado, e fico satisfeita de saber que esse material é uma ferramenta útil não só para os alunos mas também para os pesquisadores de modo geral. Foi um privilégio ter sido convidada a participar de um grande projeto em que atuaram professores de muitas outras universidades, um projeto que teve por tônica o idealismo.

### **A pergunta final é se você tem um projeto em andamento, se está traduzindo algo.**

Estou traduzindo um discurso forense de Demóstenes, o *Contra Áfobo* I.<sup>16</sup> Eu já tinha traduzido o *Contra Áfobo* III, que é um discurso em que eu gostaria de ter estudado a questão do falso testemunho, mas não tive essa oportunidade. Para que eu pudesse dar um maior apoio a um aluno que está estudando as provas técnicas e não técnicas nesse discurso de Demóstenes, resolvi traduzir o *Contra Áfobo* I, que integra um conjunto

---

14 BAILLY, Anatole. *Dictionnaire Grec-Français/Abrégé* (Hachette, 1988). MAGNIEN, Victor; LACROIX, Maurice. *Dictionnaire Grec-Français* (Belin, 1969).

15 André Domingos dos Santos Alonso é professor de grego na UFF e do Programa de Pós-graduação em Filosofia na UFRJ.

16 Um artigo de Glória Braga Onelley sobre *Contra Áfobo* I está publicado neste dossiê.

de cinco discursos relacionados, direta ou indiretamente, com a indevida gestão da herança do orador, que foi ludibriado por seus ex-tutores, sobretudo por Áfobo.

Essa pesquisa no *Contra Áfobo* I não se limita ao âmbito linguístico, é interdisciplinar, como as outras também o foram. Aborda questões relacionadas com o direito ático e com a história da Grécia. Por quê? Porque, além de tratar do direito sucessório e da tutela dos órfãos e da viúva, existem outras particularidades referentes, por exemplo, à questão dos juros, uma parte muito difícil de ser traduzida, à questão do estatuto social da mulher, com o contrato de casamento e com aspectos a ele vinculados, como o dote e a pensão alimentícia. Estou fazendo também, como fiz com o *Contra Neera*, o levantamento dos termos jurídicos desses dois discursos, porque, como eu disse, nem sempre os dicionários apresentam o melhor significado jurídico para determinados termos.

Eu gosto de fazer esse levantamento à mão. Tenho um caderno grande, bem grande, com as letras do alfabeto grego, e, à medida que eu vou encontrando um determinado termo, vou fazendo o acréscimo e registrando em que parte do discurso ele tem a aceção usada na tradução realizada. Estou no meio da tradução do discurso *Contra Áfobo*. Pretendo concluí-la até junho de 2024 e publicá-la, porque são poucos os discursos civis do *Corpus Demosthenicum* aos quais temos acesso em vernáculo. Não temos os referidos discursos de Demóstenes traduzidos para o português.

Eu sempre digo para os meus alunos: *grego não é fácil, não. Grego vocês precisam também estudar*. Assim como francês, inglês, alemão, árabe, línguas que se tornam, às vezes, muito mais fáceis de aprender porque o aluno ouve, diferente da maneira como o texto grego antigo nos chegou, via escrita. Então, é dessa forma que temos de trabalhar: traduzindo. É esse o objetivo do curso de grego na UFF, e acredito que, de alguma forma, eu esteja contribuindo para isso, para formar novos tradutores.